

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 43 — VOL. III.

Sabbado 12 de Novembro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno. . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte)... 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Hollanda — Reinado de D. Alfonso vi, continuação — At Meidan, em Constantinopola — Moimho egypcio — Duas mulheres da epoca — O amor é o dever, continuação — Aquillo e que são oinos — Tocar desafiado — Quando soffes
GRAVURAS: — Moimho egypcio — At-Meidán, em Constantinopola — Vista de Amsterdã.

Historia da actualidade.

Deve partir no corrente mez para a provincia de Cabo Verde, o brigue portuguez de guerra *Sado*.

Ha tempos descobriu-se em Adães uma fabrica de moeda falsa, apprehendendo-se a machina e mais instrumentos. O supremo tribunal de justiça annullou este processo em consequencia do auto de corpo de delicto ter sido feito por autoridade incompetente, e manda repor a machina e mais utensilios no logar da apprehensão, para se proceder de novo ao corpo de delicto.

No dia 1.º do corrente saiu para Marrocos a corveta a vapor *Sagres*.

No dia 9 partiu para a estação d'África o brigue *Pedro Nunes*.

Deram-se já algumas baixas de serviço ás praças que completaram ha muito o tempo do mesmo, e espera-se que brevemente serão excusadas as que se seguirem na ordem de antiguidade do alistamento.

As tropas de guarnição na capital formaram como de costume na abertura das camaras em tres brigadas, uma de caçadores, e duas de infantaria, incluindo a guarda municipal. A cavallaria acompanhava sua magestade; a artilharia formava na direita da linha, e a guarda dos archeiros guarnecia o interior do palacio das côrtes.

A companhia de deposito de recrutas do regimento de infantaria n.º 1, que se achava no deposito de recrutas em Mafra, recolheu ao corpo em Belem, o qual começa já a receber recrutas para o seu effectivo.

Publicaram-se os dois primeiros numeros da *Galeria artistica*, de que é editor o senhor Aristides Abranches. Comprehendem o primeiro a biographia da actriz Delfina, escripta pelo senhor Andrade Ferreira; e o segundo a biographia do actor Isidoro, pelo senhor Cesar Machado.

A barca *Martinho de Mello* chegou a Macau no dia 23 d'Agosto. N'esse mesmo dia desembarcaram os contingentes que iam abordo d'aquelle transporte para Macau e Timor.

Foi reorganizada, por decreto do mez pas-

sado, a secretaria do governo geral d'Angola, e bem assim as secretarias dos governos subalternos da mesma provincia.

Por esta reorganização deu-se de ordenado ao secretario do governo de Benguela, quinhentos mil réis; e aos de Golungo Alto, Ambriz, e Mossamedes, o de quatrocentos mil réis.

Tambem no mez passado se deu nova organisação ao arsenal de marinha de Lisboa, ao observatorio astronomico da marinha, e ao corpo de engenheiros constructores. Este ultimo fica denominando-se corpo de engenheiros naveaes.

A bibliotheca nacional de Madrid adquiriu ultimamente uma joia bibliographica de inestimavel valor. É uma biblia impressa em Moguncia pelos companheiros de Guttemberg, quatro annos depois de descoberta a invenção da imprensa. Está perfectamente conservada esta edição, apezar de ter intercaladas duas folhas manuscriptas, que mal se differenciam das edições d'aquelles tempos.

Ricardo Wagner, o grande revolucionario musical do nosso seculo, e autor d'essas operas alemãs que tem causado profunda admiração n'aquelles paizes, é esperado em Paris, onde se confia que escreva para o theatro lyrico da capital do imperio francez.

Noticias de Aveiro dizem que por aquelle porto se tem exportado este anno bastante laranja.

N'esta mesma cidade gastou-se no anno economico de 1858-1859 com a sustentação dos presos pobres da respectiva cadeia, a somma de réis 1:341\$890.

As noticias de Inglaterra dizem que se procede ali com actividade aos preparativos para a expedição da China; a India fornecerá para ella seis mil europeus, e quatro mil homens de tropas indigenas.

Receiam-se graves desordens na Italia central.

Falla-se no dia 15 do proximo mez de Dezembro para a reunião do congresso europeu, e trabalha a diplomacia por conseguir que ella tenha logar em Paris.

O general O'Donnell, commandante do exercito hespanhol, que tem de operar contra Marrocos, já chegou a Cadiz de volta da sua expedição de reconhecimento.

No dia 21 do corrente devem permutar-se em Zurich as ratificações do tratado que ali acaba de ser assignado.

Affirma-se que Roma e Napoles já se resolveram a enviar plenipotenciarios ao congresso.

Diz-se que o papa admittiu o principio de uma representação nacional, sendo contudo a eleição feita pelas municipalidades. O imperador dos francezes accetitando esta condição exige porem que a camara tenha voto consecutivo e deliberativo em materia de fazenda.

Na data das ultimas noticias da Cochinchina, o almirante Rigault de Genouilly fazia os necessarios preparativos para regressar á França, entregando o commando ao vice-almirante Page.

O corpo expedicionario da Argelia contra Marrocos alcançou nova victoria.

Os marroquinos hostilizaram outra vez a praça de Ceuta, em força de quatrocentos homens, mas retiraram-se no dia seguinte em vista da attitude da guarnição.

Continuam as negociações com a Inglaterra para assistir ao congresso.

Espera-se que n'este congresso o imperador dos francezes apresente proposições tendentes a annullar os actos de 1815, respectivos á exclusão da familia Bonaparte do throno francez.

Na America do Norte consome-se por anno, com vinte oito milhões de habitantes, duzentas mil toneladas de papel.

O consumo do mesmo genero em França, com trinta e cinco milhões de habitantes, é de setenta mil toneladas annualmente.

A Grã Bretanha e Irlanda, com vinte oito milhões de habitantes, consome no mesmo periodo sessenta e seis mil toneladas de papel.

Nos Estados Unidos funcionam oitocentas fabricas de papel, com tres mil machinas.

Na mesma região se imprimiram em seis mezes sessenta mil exemplares da *Historia de Inglaterra*.

Foi assassinado ás pedradas perto de Sverak, na estrada de Diarbekir, pelos kurdos, com intentos de roubo, monsenhor Planchet, arcebispo de Arcadiopolis.

O correio na Inglaterra transportou no anno de 1858 mais dezenove milhões de cartas do que no anno anterior. O numero total d'ellas no anno passado foi de quinhentos vinte e dois milhões, entre as quaes houve um milhão e trezentas mil cartas seguras.

Hollanda.

Desde o seculo ix que se encontram nas provincias batavas cidades notaveis pelo seu commercio, entre outras, Witland, na foz do Meuse, e Wick-te-Durs-

teede que é designada pelo nome d'Emporium nas antigas chronicas. Em 1048, Thiel, cidade da Guel-dres, situada sobre o Vahal, entrelinha activas re-lações commerciaes com Inglaterra: os seus habi-tantes queixaram-se ao imperador por causa dos di-reitos que Thierry II, conde de Hollanda, exigia das mercadorias que passavam por Dordt ou Dordre-cht. No seculo XII ou XIII, os hollandezes tinham já tomado posição entre as potencias maritimas. Em 1217, Guilherme saiu da foz do Meuse com doze navios grandes e muitos outros mais pequenos: esta frota alcançou victorias contra os sarracenos, e contribuiu para a conquista da Dalmacia. Mais tar-de, Florencio IV fez uma expedição contra a cidade de Stade sobre o Weser, com uma armada que di-versos autores elevam a trezentas velas, e subjogou os Frisões. Ao mesmo tempo o commercio exterior dos hollandezes tomava notavel incremento. Em 1285 achava-se concluido um tratado entre a Hollanda e a Grã-Bretanha, sendo uma das condições que, o filho do conde de Hollanda esposaria a filha do rei.

Foi naturalmente para o Norte que se dirigiram os primeiros esforços d'esta industriosa nação. Amster-dam obteve do rei da Suecia, em 1368, um dis-tricto na ilha de Schoonen, para ali ter uma esta-ção de pesca, ou antes, na intenção d'estabelecer uma feitoria para o transporte das mercadorias. Os hollandezes transportavam effectivamente para a Suecia vinhos, pannos, especiarias, estofos, e tra-ziam de volta sal, breu, e outras mercadorias uteis ao seu consumo e negocio. Em 1443 e em 1487 os governadores dinamarquezes e suecos concederam aos navios da Hollanda plena e inteira liberdade de entrarem em todos os seus portos sem pagar nenhum direito. Estes importantes privilegios foram confir-mados nos seguintes seculos. As cidades batavas ti-nham-se insensivelmente apossado de quasi todo o commercio de grãos e de objectos de primeira ne-cessidade com o Norte.

Quando as suas relações com as nações septen-trionaes estavam solidamente estabelecidas, a Hol-landa voltou a sua attenção para o Meio-dia, e não foi menos feliz n'esta nova direcção. As suas manu-facturas de lã e seda, e a construcção de navios e tudo que com isso tem relação eram, com a pesca, a base da sua industria, mas não excluíam todavia os outros ramos de commercio. Deve-se-lhes o pri-meiro desinvolvimento da sciencia do credito. Os inglezes não foram por muito tempo senão discipu-los dos hollandezes, e só muito tarde chegaram a egualar ou a avantejar-se a seus mestres.

E' facto notavel que as grandes crises politicas da Europa quasi nunca tem sido desfavoraveis ao commercio hollandez: pelo contrario, tem servido a maior parte das vezes para entretel-o e dar-lhe mais forte impulso. «No meio das guerras, diz um escriptor, apezar das mudanças de soberanos e de governos, estes povos laboriosos e constantes souberam conservar o commercio e as artes mecani-cas, que desde os romanos não tem cessado de se engrandecer, offerecendo aos povos inextinguivel fonte de riquezas. Todos os estados da Europa se con-sumiam em perpetua agitação; entre elles, todas as obras uteis definhavam em completa inercia. Não se ouvia senão o estridor das armas, e os batavos, que sabiam tambem usar d'ellas, caminhavam com passo seguro e rapido para o engrandecimento do seu paiz e prosperidade do seu commercio. Não to-mando nas contendas dos principes senão a parte precisa para se defenderem e conservarem; tornan-do-se primeiro uteis a todos, depois necessarios for-necendo-lhes o que o tumulto dos combates os im-pedia de alcançarem; armando navios em guerra, e viajando pacificamente em outros destinados ao commercio; simultaneamente soldados e mercade-ros; tratados ao mesmo tempo como temiveis inimi-gos e aliados necessarios, tem atravessado se-culos de desgraças publicas, sem haverem perdido um momento de vista o commercio; sem terem des-presado as instituições que os protegiam, e as ri-quezas que accumulavam tanto mais obstinadamen-te quanto sabiam attrahir a si todas as que se de-ixavam perder n'outra parte; e conheciam que o ju-go da necessidade lhes submettia sempre, no pon-to de vista industrial, os povos que não tinham sabido crear nenhum recurso em si mesmos.»

A descoberta do caminho das Indias pelo cabo de Boa-Esperança, por nenhuma outra nação com-

mercante foi mais habilmente explorada do que pe-la Hollanda. Pode-se quasi afirmar outro tanto da descoberta do Novo Mundo, que certamente apro-veitou mais aos hollandezes do que a Portugal o á Hespanha.

A 20 d'Abril de 1602, os estados-geraes outor-garam a uma companhia geral o privilegio exclu-sivo de navegar para as Indias Orientaes pelo cabo de Boa Esperança e estreito de Magalhães. Esta companhia encontrou ao principio numerosas dif-ficuldades; mas a sua tenacidade e coragem souberam triumphar. Fundou em poucos annos a famosa colonia de Batavia, que se tornou o emporio de todo o commercio das Indias, e a sede do governo e dos tribunaes de administração e justiça.

Continua.

Reinado de D. Affonso VI.

(Fragmentos).

DESGRAÇA DO ESCRIVÃO DA FURIDADE CONDE DE CASTEL-MELHOR.

Continuação.

Mal recebeu este recado do infante reuniu o rei vinte quatro homens letrados de todos os tribu-naes de justiça, e mesmo da inquisição e do senado da camara, e depois de se lhes fazer leitura da primeira carta do infante, se lhes propoz, nos se-guintes termos, se por esta unica carta devia o rei exilar o conde de Castelmelhor.

«Com occasião de s. m. mandar dobrar as guar-das no paço, por razões que para isso teve, escre-veu o senhor infante a s. m. uma carta, fazendo-lhe presente o sentimento que teve daquella de-monstração, e pedindo-lhe que pela culpa della, e porque o conde de Castelmelhor havia machina-do contra sua vida, e não podera ter effeito, o exclu-isse de seu serviço: em resposta d'esta carta mandou s. m. declarar ao senhor infante, que as prevenções de que fazia a primeira queixa, e de que formava culpa ao conde, se haviam feito por mandado de s. m.; e quanto á segunda, está s. m. prompto para mandar castigar a pessoa do conde, como merecia tão grave e detestavel crime, ainda imaginado; porém que para o fazer era necessa-rio proceder prova, e que para esse effeito lhe nomeasse a pessoa por onde lhe chegara aquella noti-cia.

«Da primeira queixa se deu o senhor infante por satisfeito, depois d'algumas diligencias que por parte de s. m. se fizeram; mas não bastaram estas para deixar de persistir na segunda, instando em que era precisamente necessario ser o conde deposto do seu logar e do grande poder com que o exercitava, saindo da corte aquellas leguas que fosse conveniente; e que assim o devia s. m. man-dar, para que os animos dos homens ficassem com aquella liberdade necessaria para entrarem em tão grande negocio.

«Supposto o referido, quer s. m. se lhe diga, se, conforme a direito, só pela dita queixa poderá justamente proceder a desterro do conde, e sus-pensão do exercicio do seu logar, considerando por uma parte a satisfação honesta e decente que convirá dar ao senhor infante em materia desta qualidade; e da outra parte se é verosimil o delicto arguido, ponderando a fidelidade, serviços, e zelo do conde e a offensa do credito de sua pes-soa e familia, no que tambem vai interessada a justiça e providencia com que s. m. deve proceder em similhantes materias, para que depois se não ache que o fez sem bastante fundamento; e con-siderando outro sim o damno dos negocios publi-cos, decoro da autoridade real, consequencias que poderão resultar desta novidade com as na-ções estrangeiras, e muito principalmente com os inimigos desta corôa: e se o receio que se aponta da assistencia do conde, para que as testemunhas deixem de jurar livremente, se evita, sendo ellas examinadas na presença de s. m.; e espera do ze-lo dos ministros que votarem nesta materia o fa-çam com a attenção que devem a seu serviço, ao bem e socego publico, administração da justiça, e á reputação da corôa.»

Vinte e um dos presentes responderam, que se-gundo o direito e o curso da justiça entre parti-culares não se devia proceder contra Castelmelhor, e era precisa alguma prova; tres, pelo con-trario, (um era secretario do infante) disseram que o conde devia ser suspenso, e sair da corte, e que, se havia provas, era preciso condemnal-o a morte exemplar.

Depois d'esta consulta houve conselho, e n'elle se accordou communicar ao principe, declarando o rei que a causa do conde era a sua, e que não queria ouvir fallar na separação do seu ministro.

A' comunicação que d'isto lhe fizeram respon-deu o infante com a seguinte carta, depois de ter reunido todos os fidalgos e de dizer a cada um as razões que tinha para oppor a sua opinião á opi-nião dos letrados do rei:

«Senhor. — Pelos conselheiros de estado os mar-quezes de Marialva, e Sande, e Ruy de Moura Tel-les, foi v. m. servido mandar-me dizer, que tinha resoluto que o conde de Castelmelhor não saisse da corte para o fim de se apurar a verdade da mi-nha queixa, fundado nos pareceres dos homens let-rados, que v. m. foi servido consultar, cujos votos me trouxeram: que me resolvesse a responder logo, por quanto o reino não podia estar na per-turbação em que se achava. E supposto que me deva accomodar com a resolução de v. m., como fiz em todas as minhas acções, sempre me fica salva a liberdade para pedir a v. m. com todas as veras, seja servido tornar a mandar pesar esta ma-teria, pois sendo licito em negocios de menor im-portancia, quanto mais o será neste, cujas conse-quencias levam infallivelmente o perder um unico infante, irmão, e fidelissimo vassallo de v. m.

«D'esta resolução, senhor, tiro que o condemnô quer entrar em averiguar este delicto senão com mão armada, e com todo aquelle poder que v. m. lhe tem permitido, e que elle hoje mostra mais publico para mais amedrontar os animos, querendo com a violência disputar uma materia civil em que os homens entraram a votar para as diligen-cias antecedentes, a som de tambores e tão apres-sada e inconscientemente que alguns não perceberam a proposta, como se vê das declarações que fizeram, e os que votaram a favor do conde toma-ram fundamentos contra a verdade do que eu pe-dia, e contra o effeito que de o conseguir resulta-va; porque nem eu podia que se desterrasse o con-de, nem da sua retirada lhe resultava perigo na honra: pedia abstenção do grande poder que exercita: se nella provava a culpa devia de perder honra e vida, se se não provava conservar uma coisa e outra, e a continuação do seu logar; com que parece que com pressa e perturbação se conside-raram os fundamentos, e pareciam mais seguros os que expenderam os doutores João de Roxas e Aze-vedo, Martim Affonso de Mello, e Pedro Fernandes Monteiro que mostrou com a pratica de vinte sete annos, em que tratou do crime da magestade of-fendida, e com o exemplo de Francisco de Luce-na, em que bastaram as queixas de uns fidalgos particulares para, por custodia, o metterem em uma prisão; e não querem que baste a minha para uma retirada do conde de alguns dias, deixando por defensor da sua innocencia não menos que a au-toridade e favor de v. m., e a seus reaes lados todos os parentes, confidentes, e feitorias, cujo nu-mero acrescentou neste mesmo tempo da perturba-ção publica, achando que era melhor ficar com a nota de que fugiu á averiguação, do que pôr-se no perigo da prova, e conseguiu que v. m. decla-rasse ser a causa do conde propria de v. m., sen-do eu o contendor e queixoso, mostrando v. m. na resolução, que eram inseparaveis da corôa os in-teresses do conde, ainda a respeito meu, unico in-fante, hoje immediato successor a v. m., em quan-to a successão que de v. m. espero, o não alterar; e que eram separaveis da corôa os interesses do infante, ainda a respeito do conde: com que co-brou forças a sua ousadia, e passou a que v. m. prohibisse que não viessem ao meu palacio aquelles fidalgos que o costumavam fazer, e os que vieram á voz publica da minha queixa, buscando pre-texto com que pudesse esforçar o seu intento, que se desvaneceu na cbediencia que v. m. nelles achou: passou a querer mostrar ao mundo que v. m. não podia ser rei se elle conde faltasse do real lado de

v. m. alguns dias sómente, infamando por este meio a mim e a toda a nobreza: arma contra a minha pessoa infantaria e cavallaria, justificando agora aquella minha primeira queixa, que posto que v. m. entendesse fóra outra a causa mostra agora o successo que seria esse o pretexto com que persuadiria a v. m., porque com evidencia se alcança ser contra mim: por quanto ou eu sou autor e causa do motim, ou entro no perigo d'elle: se o primeiro, contra mim se armou: se o segundo, não sou das pessoas reaes a quem se devia defender? Porque me não mandaram chamar para me assegurar d'elle? E ao menos, porque me não mandaram assistir e defender o meu palacio? Porque se me não dá parte de que cresce o receio do motim, que dá causa a crescerem as prevenções no augmento das armas?

«Contra o infante, senhor, contra o infante arma o conde de Castelmelhor á vista da nobreza d'este reino, e do povo d'elle, atemorizando e perturbando o estado politico para que se não obre com o juizo livre. Não atemorizam ao infante D. Pedro as armas, que a atemorisarem-no rasgára as veias para derramar aquelle sangue que não correspondesse ás obrigações do seu nascimento, e ao exemplo dos reis seus progenitores. Fallo considerado o poder deixar em opiniões a causa de as ir buscar. O conde quiz por este negocio em termos que é incompativel a conservação de ambos, e em consequencia o haver-se de perder o infante, ou sair o conde: acho na resolução de v. m. antes perder o infante, que sair o conde, sacrificando a minha vida, dos meus criados, e dos mais que assistem á minha razão á violencia do conde, pondo-me n'aquella precisa necessidade que antevi de buscar o retro por entender ser o unico meio da quietação e socego publico, pelo qual offereço todos os interesses e a mesma vida: desembaraçar-se-ha a republica dos estrondos da guerra, e gozará o conde sem sobresaltos a felicidade com que conserva a sua violencia. — Escripção em 9 de setembro de 1667.»

Continua.

JOSÉ DE TORRES.

At-Meidan, em Constantinopola.

Esta praça, antigo hippodromo dos gregos, tem sido mais d'uma vez, nos tempos modernos, theatro de tumultos e vinganças populares. Foi ali que suspenderam a uma arvore, pelos pés, o corpo inanimado de Bairaetar, a 19 de Novembro de 1808, durante a sedição dos janizaros; e foi tambem ali que esta poderosa milicia foi vencida a 16 de Junho de 1826. O comprimento da praça é de quinhentos passos, e a largura de cem, pouco mais ou menos. D'um lado deixa ver, em toda a sua magnificencia, a bella mesquita do sultão Achmet, cujos esbeltos minaretes se arremeçam para o ceo do meio d'uma fresca verdura, que faz sobresair mais a sua alvura e o arrojado da sua elevação. Do lado opposto ha um sumptuoso hospital, resplandecente de doiraduras. Em contraste, os outros dois lados só apresentam humildes construcções, a maior parte meio arruinadas. Antes da conquista de 1204, a At-Meidan era coberta de grande porção de estatuas de pedra e bronze; entre outras tornavam-se dignas d'attenção as de Diana, Juno, Pallas, Helena, Hercules, e Augusto. Actualmente os tres unicos ornamentos da praça que attrahem a curiosidade são o obelisco de Theodosio, o pilar de Constantino (vi), e entre estes dois monumentos a columna serpentina que, segundo a tradição, é um resto da famosa tripode de Delphos.

O obelisco de Theodosio servia antigamente para marcar o centro do estadio. O pedestal é um monumento d'arte interessantissimo. Suppõe-se que serviu antigamente de base a uma fonte. É um montão de marmore adornado com um capitel liso: nos quatro cantos estão incrustados cubos de granito, sobrepujados por outros de bronze sobre os quaes assenta o obelisco; dois lados da base são revestidos d'inscripções grega e latina; nos outros dois ha baixos-relevos do mais bello estylo, representando carreiras a pé, a cavallo, e em carros; o corpo do pedestal é coberto de figuras de juizes julgadores das carreiras, de magistrados, de soldados, de musicos e dançarinos: pode-se julgar por estas escultu-

ras, que todas se referem aos jogos, que a fonte ou qualquer outro monumento de que este pedaço fazia parte servia de assento aos juizes das carreiras e aos musicos, ou os abrigava.

Faz parte ver baixos-relevos tão preciosos expostos aos estragos que todos os dias lhe fazem os mulmulmanos, e mesmo os estrangeiros: podem rivalisar com os mais perfectos restos da arte antiga com que se adornam os museus da Europa.

O pilar quadrado de Constantino servia para marcar uma das extremidades da liça na carreira dos carros. Parece vacillante e proximo a cair: ha muitos seculos, todos os viajantes predizem que não poderá resistir por muito tempo, que a sua ruina está iummente, que cairá á primeira rajada de vento. Entretanto continua de pé. Examinando-o de perto, cobra-se animo: é composto de fortes pedras de marmore e de granito, e de pedras braudas, misturadas indistinctamente em apparencia, mas dispostas com arte, e todas unidas umas ás outras com gatos de ferro; outrora eram cobertas, como o attestam ainda os buracos praticados na superficie, de laminae de bronze que se lhe tem tirado: era uma armadura que cobria o edificio da base ao cume. O monumento assim descoberto, tem sido maltratado pelo tempo; rebentos de musgo, pequenas hastes verdes saído dos intersticios, contrastam com as diferentes côres das pedras, e produzem effeitos agradaveis á vista.

Entre estes dois monumentos, o fragmento da tripode de Delphos, de que já fallámos em outra parte, faz triste figura. Admira que, sendo uma columna de bronze, exista ha tantos seculos. Rara vez os monumentos de metal são tão longo tempo respeitadas pelas revoluções, a cubiça, e a miseria.

Moinho egypcio.

No Egypto, semeam o trigo sem terem preparado a terra previamente. Depois que o lavrador cumpriu a sua tarefa, lava-se, se o terreno é plano; se é desigual ou montanhoso, o enxadão substitue a charrua, e cobrem o trigo com a terra necessaria ao desinvolvimento do germen. Concluido este trabalho, faz-se a conveniente rega. As sementeiras tem logar no mez d'Outubro. Se as chuvas são poucas durante o inverno, continuam as regas por meio d'uma machina chamada *mahhaleh*. A colheita faz-se no mez d'Abri.

Depois de um simples processo, egual pouco mais ou menos ao seguido em todos os paizes, servem-se de moinhos como o que a nossa estampa representa para reduzir o trigo a farinha.

Doas mulheres da epoca.

Romance contemporaneo.

1

DUAS MULHERES DA EPOCA.

A baroneza de Villamar era ainda formosa e muito interessante: dotava-a essa formosura pallida em que não pompeiam as viçosas côres de uma saúde, por assim dizer, arcadica; mas em que a vida do pensamento apaixonado espalha outro enlevo não menos puro e mais suave, que ao mesmo tempo parece inspirar sympathia e respeito.

A baroneza acabava de chegar do Algarve, onde permaneceu um anno nas magnificas propriedades pertencentes a seu marido; e vinha acompanhada de uma interessante filhiua que tão bem lhe ficava nos braços, como o botão de rosa junto da rosa de Maio.

Os prantos silenciosos da mãe caíam por vezes sobre os sorrisos innocentes da filha, como o orvalho cristalino da aurora que se deposita nas folhas da rosa, e é pela brisa sacudido sobre o botão que procura desabrochar.

O conde de Sandomil tambem tinha regressado da sua missão diplomatica.

E esta coincidência foi immediatamente apontada pela maldosa viscondessa de Santa Isabel, que notou na physionomia do conde a pallidez da saudade.

Ha mulheres em que a idade parece augmentar a maldade.

A viscondessa não estava ainda no caso de ser considerada velha: empregava, pelo menos, tanto e tão acertado cuidado em procurar desmentir o espelho, que, á primeira vista, no centro do seu duplo baluarte d'ago e de barbas de baléa, ninguém seria capaz de dizer com certeza a verdadeira conta de Janeiros que por ella tinham passado.

Esta senhora era o typo preciso da aberração de todos os costumes nacionaes, sem que ao menos apresentasse a perfeição distincta dos francezes. N'ella estava sobejamente explicado o resultado da grande revolução, pela qual passou o nosso methodo de educação, que deixou de ser absurdo para tornar-se incompativel.

As bellas phantasias de Dumas, por assim dizer bebidas com avidez nos seus romances da renascença, achavam-se reflectidas no gesto, na palavra e na acção da viscondessa.

A viscondessa era a contrafacção da fidalga franceza d'aquella epoca, que o vicio da educação moderna deixou resuscitar, para irrisão dos vindouros.

A falsidade era o meio de que se servia para attrahir; a intriga, a arma traçoira com que procurava ferir.

Dotada d'aquelle espirito grosseiro que só intenta dominar pelo terror que inspira, achou-se em breve na falsa posição de receber ver tornado em ridiculo esse terror; e de ter que aceitar os sorrisos de compaixão que lhe dirigissem.

Uma mulher intrigante, moça e formosa, é temivel: velha e presumida, é irrisoria!

A viscondessa temia muito a idade.

Pensava em tomar uma deliberação; procurava ao menos alguma coisa que a escudasse n'aquella falsa posição em que, por pouco, se considerava, quando, felizmente, brotaram entre nós alguns rebentões da esquecida arvore de Loyola.

A sociedade portugueza em breve ameaçou subdividir-se pela influencia da falsa doutrina. E quem mais do que a viscondessa devia com ella sympathisar... ao menos, por convenção?

A importancia prestada pela imprensa á presença das irmãs de caridade francezas, e aos seus competentes directores espirituas da congregação de S. Lazaro, annunciava-lhe uma idéa solida, um plano senão infallivel, pelo menos vigoroso.

Tornou-se hospitaleira d'esses adversarios da civilização que vinham ainda affronta-la. Modificou a sua moral; e deu-lhe mais recatada apparencia...

O mundo disse que se fez beata.

Ora, na epoca escolhida para seguimento d'esta obra, a viscondessa de Santa Isabel era uma das mais dedicadas protectoras d'essas mulheres francezas, que entre nós vieram exercer a sua notavel caridade; mas é preciso acrescentar que a intelligencia da viscondessa não chegava a abranger o plano traçado pelo espirito do jesuitismo; nem coñhecia dos jesuitas senão o terror que, segundo se dizia, inspiravam no centro da civilização actual. Isto, porém, bastou para determiná-la a sympathisar com tudo que tivesse com elles alguma relação. Estava no espirito d'ella, espirito grosseiro, o terror profundo que muitos escriptos tem ligado ás *surdas machinações* jesuiticas.

A viscondessa tinha a mania de querer ser terrivel. Seguindo pois a tomada deliberação, quasi que fechou as suas salas ao mundo; e abriu o seio da sua familia á invasão da caridade estranha, e ás doutrinas d'aquelles reverendos directores espirituas.

Cada jornal que saía dos prélos portuguezes era mais uma voz que, protestando contra a presença dos padres lazaristas e das suas dirigidas, approva energia e tacitamente o comportamento da viscondessa.

Pelo menos esta collocava-se no caso de ser considerada particula d'esse todo gigante que ameaçava a sociedade portugueza: d'esse colosso que se levantava debaixo do cadaver de Pombal, para estender sobre nós o seu dominio.

E similhante idéa satisfazia-lhe plenamente o amor proprio tão offendido pela idade, como pelo desprezo social. Na epoca em que a intentada revolução moral veiu, projectada do fundo de Alemanha, ameaçando os nossos solidos principios, lan-



Moinho egypcio.



O At-Meidan, em Constantinopla.



Amsterdam

çar mão da educação nacional; na época em que o espirito nacional reagia contra a pretenciosa impoção jesuitica; n'esta época em que a educação gallicista, adoptada para desaffeioar a geração nascente, ameaçava as familias, a viscondessa ensoberbeceu-se de ter-se ligado a um tal systema, que em breve lhe pareceu que devia ver amplamente desinvolvido, cobrindo-a com um reflexo de gloria.

Não liguemos pois á viscondessa a idôa de jesuita. Os principios aristocraticos que podem determinar o espirito da mulher intelligente a adoptar o systema oppressor, que deve garantir á sua classe todos os mal entendidos privilegios que a civilisação popular lhe rouba, não faziam vulto na intelligencia d'aquella mulher.

Tal era a viscondessa de Santa Isabel, quando a baroneza de Villamar chegou a Lisboa.

A baroneza notou toda a differença que apresentava o caracter da sua amiga; como porém semelhante differença parecia lisonjeira, attribuiu-a a ter-lhe o tempo modificado certos caprichos a respeito das suas antigas pretensões.

A viscondessa nunca mais tornou a fallar no projectado casamento de sua filha com o filho da baroneza; e dando tempo ao tempo, tratou apenas de arregar no coração da baroneza aquella antiga amizade que tão abalada tinha sido.

Assim foi correndo o tempo até que chegou a época precisa a que nos referimos no principio d'estas paginas — a chegada das irmãs de caridade francezas.

Carlos Condinho voltou tambem de França, d'onde nunca tinha mandado noticias suas: vinha porém em tal estado que a todos infundiu serios receios a sua saude.

Foi mais um desgosto para a baroneza.

A baroneza tinha adoptado o espirito da época: desassombrosa do medo que lhe causava a viscondessa, em breve entregou o coração ao sentimento que parecia roubar-lh'o. Tornou-se n'um d'esses entes ideaes para os quaes a vida não tem positivismo algum dos que ordinariamente nos maceram. Os bailes, o theatro, os passeios, occupavam-na em quasi todas as horas das competentes estações. A imagem que appetecia apparecia-lhe em toda a parte como por encanto! Muitas vezes a baroneza tinha o capricho de fugir-lhe; determinava um passeio sem prevenir as coisas com antecedencia; ia; depois, e palpitante de curiosidade, tremula de receios e instigada pelo desejo, olhava para toda a parte, ria-se, vangloriava-se da sua pequena maldade; mas em breve soltava um grito de espanto, uma d'essas magicas e doces interjeições que saem do peito feminino em presença do homem que lá tem a sua imagem; o conde apparecia-lhe, comprimentava-a, conversava, e deixava-a mais enamorada do que nunca, mais fraca e vacillante na presença de todos os seus deveres positivos.

A remissão d'aquelle peccado não tinha ainda chegado: um sentimento d'aquella ordem suffocase, não se extingue de todo: e quando nos falta a força de o esquecer,...

A baroneza tinha intentado consolidar essa força junto de seu marido; mas a cada passo que avançava na vida em Lisboa, iam-lhe proporcionando as commoções diminuindo a resolução.

Apezar d'isso o conde de Sandomil não estava positivamente no lisonjeiro caso de julgar-se amado pela interessante baroneza de Villamar. A maior parte das apparencias eram taes que deviam obrigal-o a acreditar nos limites que ella desejou pôr ás consequencias e ao progresso da antiga afeição. Entretanto, o conde não deixava de frequentar a casa da baroneza, onde simplesmente representava o papel de amigo desinteressado, fugindo do obsequial-a mais do que ella parecia desejar, e evitando sempre dar-lhe a conhecer todo o império que ella ainda exercia sobre o seu coração.

A baroneza tinha occasiões, em virtude do comportamento adoptado pelo conde, em que chegava a convencer-se de que não sentia já senão uma amizade tão licita, que em ponto algum devia offender a tranquillidade do barão.

Era um d'aquelles bellos enganos d'alma, sobre os quaes, tantas vezes, fundamos tão lindas esperanças l. . .

Em tal persuasão, a baroneza principiou a aban-

donar o systema de fugir ao conde. Annunciava-lhe com certa antecedencia os seus passeios: mostrava-lhe agrado quando ia visital-a ao camarote, e passava duas ou tres horas conversando com elle em casa, notando-lhe sempre a sua pouca assiduidade.

O conde notava porém uma differença bem pouco lisonjeira, que, por muito tempo, reputou filha apenas do acaso.

Talvez fosse.

Desde que a baroneza principiou a mudar de systema, a mostrar-lhe mais franqueza e menos receio, como prova de que não temia já a sua presença, principiou tambem a apparecer uma terceira pessoa, em quasi todas as deliciosas e illusorias scenas d'essa afeição moribunda.

Era uma pessoa conhecida, á qual, porém, nunca a baroneza pœcera ter ligado importancia alguma: era Matheus d'Andrade.

Era raro não encontrar Matheus d'Andrade a pequena distancia da baroneza de Villamar: se não estava já na sala, quando o conde entrava, apparecia momentos depois: se não era o primeiro a ir comprimental-a ao camarote, não esquecia nunca esse dever de civilidade que a intimidade nos impõe; passava sempre no mesmo logar escolhido pela baroneza, e a conversa encetada por ella e pelo conde era de ordinario interrompida pela apparição d'elle.

E' possivel attribuir ao acaso duas ou tres coisas identicas; duas ou tres vezes a mesma coincidência; mas o acaso deixa forçosamente de o ser no momento em que parece revelar-nos certa combinação precisa de factos ou de idéas.

O conde já desconfiava muito de tal acaso: preveniu-se contra elle: intentou estudar a baroneza a respeito d'aquelle importuno, e pareceu-lhe que a baroneza não o achava importuno.

Foi um momento de inexplicavel alegria aquelle em que a baroneza notou a inquietação do conde a respeito das repetidas apparições de Matheus d'Andrade!

Quem pretendesse estudar-vos o coração, minhas senhoras, arriscava-se muito a perder-se em uma serie de contradicções taes, que mui difficilmente admitiriam certa explicação!

Quando tratamos do coração, temos sempre escrupuloso cuidado de não inventar: resumimo-nos a reproduzir alguns estudos, a tirar partido das observações, a colher resultado dos exemplos.

Dissemos que a baroneza de Villamar procurava convencer-se de ter, não já esquecido, mas simplificado o sentimento que outr'ora nutriu pelo conde de Sandomil: e asseguramos que sentiu inexplicavel alegria no momento em que se convenceu de que o interessante conde parecia inquieto em consequencia das repetidas apparições de Matheus d'Andrade. E' de certo uma contradicção notavel; mas a culpa não é nossa: é do coração da baroneza, e nós não tentamos fazer da baroneza uma ficção infundada. . . .

Um homem que se torna assiduo em relação a uma mulher da ordem da baroneza de Villamar, das duas uma: ou é admittido, ou arrisca-se a ser pouco lisonjeiramente classificado. O caracter de Matheus d'Andrade salva-o de certo d'esta segunda supposição. O conde de Sandomil pensava assim, e parecia ter alguma razão para inquietar-se.

Matheus d'Andrade conheceu em pouco tempo a alteração que soffria o espirito do conde a seu respeito, não obstante este ser incapaz de uma palavra, nem de um gesto, em que não existisse o cunho da sua distincta educação e pratica de elevada sociedade: lembrou-se então de pensar mais seriamente na posição que o seductor agrado da baroneza parecia estabelecer-lhe em relação ao seu coração, e teve a vaidade de suppôr que a baroneza, qual linda borboleta d'azas doiradas, tentava ainda borboletear ao ultimo raio de sol da sua existencia aerea.

O amor proprio é defeito natural em todos nós: Matheus d'Andrade teve-o bastante para julgar-se merecedor da nova digressão d'aquella mulher, e accetou a posição que tacitamente parecia offerecer-se-lhe.

Desde esse momento principiou a ser considerado importuno; mas era tolerado.

Matheus d'Andrade não conhecia porém o abor-

recimento que causava a sua louca, mas fundada persuasão: convencido de que merecia as sympathias da baroneza, tratou de conserval-as, pensando talvez mesmo em aproveitall-as.

O amor proprio leva-nos muito longe!

Entretanto o pobre litterato representava com a baroneza um papel bem ridiculo aos olhos da viscondessa de Santa Isabel, que conhecia perfectamente o coração de Carolina. Mas a viscondessa, longe de avançar qualquer palavra contra a lisonjeira supposição de Matheus d'Andrade, tinha, pelo contrario, a maldade de lhe fallar de certo modo a respeito da baroneza, que mais lhe avivava ainda a persuasão.

Infelizmente Matheus d'Andrade, de quem a viscondessa teria talvez lançado mão para algum projecto de comprometimento em relação á baroneza, estava pelas suas crenças moraes em terreno mui diverso do da viscondessa.

Matheus d'Andrade campeava então na imprensa a favor do amor nacional, contra a importação da caridade estrangeira.

Apostolo da patria, cumpria com zelo a nobre missão de pugnar pelas coisas da patria; e fôra um dos primeiros a levantar o grito de guerra contra a fatal educação, a que mais tarde Mendes Leal denominou — gallicista.

Matheus d'Andrade, levado de verdadeiro zelo patrio, chegou até á minuciosidade de solicitar em todos os circulos familiares assignaturas contra a temida importação das irmãs de caridade francezas: proclamando intelligentemente toda a inconveniencia, e, por assim dizer, perigo que existia na introdução d'ellas nos nossos estabelecimentos de educação primaria.

O zelo porém do periodiqueiro não chegava a influir no espirito da baroneza, que por coisa alguma d'este mundo parecia ser susceptivel de reconhecer o mal que havia em entregar sua filha aos cuidados de uma governante franceza; de ter criados estrangeiros; de mandar vir tudo de França, e até de tomar para enfermeira deseu filho Carlos uma d'aquellas caritativas irmãs que a França tratava de espalhar por toda a parte.

A baroneza de Villamar era a formosa irreflexiva da actualidade. Assim como a viscondessa de Santa Isabel era a degeneração insulsa e pretenciosa da educação antiga, que buscava, no mysterio de um caracter inventado, garantir-se contra o ridiculo das suas loucas aspirações; a baroneza era a criação parva que tinha resultado da revolução moral pela qual passaram os nossos costumes sob a influencia das primeiras importações dos atheos.

Tendo, pois, estabelecido o caracter de cada uma d'essas mulheres, notando a differença que lhes trouxe a época, encetemos a nossa historia.

Continua.

A. HOGAN.

6 amor e o dever

COMEDIA-DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS

POR FRANCISCO SERRA.

Continuação

ACTO III.

Sala bem mobilada em casa de João de Castro; ao fundo as janellas de vidraça estão abertas e deivam ver o jardim no exterior.

SCENA I.

EDUARDO DA MOTTA, só, depois FERNANDO.

EDUARDO — A noite de hontem favoreceu á risca o meu plano. São nossas as joias da mulher de João de Castro. Ninguém ainda appareceu: naturalmente descansam. Veremos agora se consigo partirmos hoje mesmo.

FERNANDO (que entra) — Ainda bem que te encontro; estou já farto de te procurar. Saiste do quarto sem me acordar. . .

EDUARDO — Meu caro, tive necessidade de tomar o ar fresco da manhã.

FERNANDO — Dize-me francamente, tens algum meio de fazer introduzir as joias no gabinete de minha cunhada?

EDUARDO — Porque, ha alguma novidade?!

FERNANDO — Nenhuma, mas...

EDUARDO — Então, deixa-te d'isso.

FERNANDO — Estou arrependido. Quero que os brilhantes se tornem a pôr no mesmo logar.

EDUARDO — Deixa-te de creancias; teu irmão é morgado, e como aquelles objectos não são bens de raiz, podem passar-te livres, não arruinam a casa, em quanto que a ti, salvam-te de uma situação... apuradissima!

FERNANDO — Será tudo isso, mas não posso consentir.

EDUARDO — Pois então sobe ao nosso quarto, o thesouro está n'uma caixa de metal entre os colchões. Vae, vae, que eu parto no mesmo instante para Lisboa. (*vae para se voltar, e Fernando o agarra*).

FERNANDO — Espera, espera... és senhor das minhas acções de a vontade que anima a alma governa o corpo, como a cabeça domina o braço. Sem ti fallece-me o animo.

EDUARDO — Se queres sujeitar-te aos meus conselhos, bem; ao contrario separo-me de ti, e fazo o que entenderes.

FERNANDO — Que idéas são as tuas agora?

EDUARDO — Partir depois do almoço.

FERNANDO — Tão cedo... todas as suspeitas caíram sobre nós.

EDUARDO — Enganas-te; essa rapariga que acompanha sempre a mulher de teu irmão, retirou-se muito cedo hontem, acompanhada só do criado Jorge.

FERNANDO — E que tem isso?

EDUARDO — O que tem? uma bagatela... E' que teu irmão quando voltou, veio encontral-a n'um passatempo amoroso com esse Julio, que é um magão ás direitas.

FERNANDO — Finalmente?...

EDUARDO — Finalmente... a rapariga voltou muito cedo a casa, para fugir d'aquí com o seu amante, apossando-se primeiro... dos brilhantes que nós vamos pôr a caminho.

FERNANDO — É uma traição miseravel!

EDUARDO — Enganas-te, é uma coincidência espirituosa.

FERNANDO — Queres injustamente comprometter essa rapariga?

EDUARDO — Levantei-me cedo, e o ar da manhã refrescou-me as ideas. Escrevi só um anonymo a João de Castro...

FERNANDO — Mas eu não parto d'aquí hoje.

EDUARDO (*tomando-lhe o braço e passetando com elle*) — Partes, meu amigo, partes, sim... causam-me riso as tuas susceptibilidades... isso é falta de ar... Dize-me, saiste agora mesmo do teu quarto?

FERNANDO — N'este instante.

EDUARDO — Lá me queria a mim parecer!... E' o que eu digo, o ar faz muito bem ás pessoas nervosas como tu... acredita-me, esses teus receios resultam dos nervos... vem, meu caro, vem respirar comigo a fresca aragem pelo jardim. (*sae levando-o*).

SCENA II.

ADELAIDE, só, depois JORGE.

ADELAIDE (*no momento de Fernando e Eduardo saírem para o jardim, encontram-se á entrada com Adelaide e a comprimentam*) — Jorge não tardará; o irmão do meu antigo protector não hade recusar-me o serviço que lhe pedir. E' o meu proprio socego... fugir d'aquí! Já não é possível soffrer tanto!... (*enxugando os olhos*) E soffro porque amo Margarida, porque lhe quero muito!

JORGE (*que entra*) — Aqui estou, menina.

ADELAIDE — Querido Jorge!

JORGE — Que é isso? Lagrimas... lagrimas ainda! a menina chorou?

ADELAIDE (*dissimulando*) — Não, meu bom amigo, é um engano... vé?... (*sorrindo*).

JORGE — O meu coração não me illude quando se trata da menina... chorou sim, chorou... para que o nega? Succedeu-lhe alguma coisa?

ADELAIDE — Quererá fazer-me um serviço? E'

grande o sacrificio que vou pedir, mas Jorge não m'o hade recusar.

JORGE — Não... que me importa sacrificios e trabalhos para a satisfazer? Porventura não vivo eu para cumprir as determinações de meu irmão?

ADELAIDE — Então hade fazer-me o que eu pedir, sim?...

JORGE — Farei tudo para seu beneficio, tudo. Vamos, que determina?

ADELAIDE — Que fuçamos d'aquí, que deixemos esta casa, que vamos viver para qualquer parte.

JORGE — Pois quer deixar a sua amiga, a sua querida Margarida?...

ADELAIDE — E' por ella que unicamente me sacrifico; bem viu a maneira porque seu marido me tratou hontem ao voltar da reunião de D. Christina. A partida de Julio, do sarau, e o seu encontro comigo aqui, veio confirmar as suspeitas que já existiam. Julgam-me criminosa... e estou innocente! Juro que entre mim e elle não havia a mais leve combinação.

JORGE — Acredito-a, porque a conheço. Mas saír d'aquí, separar-se da sua companheira d'infancia... isso não! Havia de custar-lhe muito, e Margarida é tão boa senhora...

ADELAIDE — Para sua tranquillidade é que o faço; seu marido atormenta-a, porque Margarida é um anjo para mim, e quer-me a seu lado.

JORGE — E' uma desconfiança; o senhor João de Castro tem aquelle genio severo; mas o seu coração também é bom. Quando conhecer a fundo a nobreza d'essa alma, hade igualmente estimal-a.

ADELAIDE — E' odio já que me tem. Julga que infamei a sua casa... hade desprezar-me sempre! Jorge, se é meu amigo, leve-me d'aquí.

JORGE — Ainda não é tempo... mas acredite-me; muito breve, por instantes, aquelles que a desprezarem, virão cair a seus pés pedindo-lhe perdão.

ADELAIDE — Perdão, a mim!...

JORGE — Talvez seja hoje o dia em que principie a gozar da felicidade que lhe é devida.

ADELAIDE — E' um sonho isso, meu Jorge.

JORGE — Sonho... que se hade tornar em realidade.

ADELAIDE — Para que é fazer-me alimentar uma esperança vã?... (*com ar supplicante*) E' pela minha felicidade que lhe peço para abandonarmos esta casa. (*Cesar tem apparecido ao fundo*).

JORGE — Não, não... é cedo ainda.

SCENA III.

OS MESMOS E CESAR.

CESAR (*aproximando-se*) — Quer deixar-nos? ADELAIDE (*turbada*) — Ha motivos, que...

CESAR — Sei tudo... mais do que pode pensar talvez... Acabaram de lhe urdir uma traição infame; mas tenha valor, conheço os autores e hei-de collocar os personagens nos seus devidos logares...

JORGE — Mais outro novo desgosto?!

CESAR — Talvez... (*para Adelaide*) Não tenha porém receios, resigne-se um pouco, e não perca a esperança até que eu lhe appareça. N'esse momento hade achar-me prompto a defendel-a com as provas na mão. (*á parte*) Agora ao quarto dos hospedes. (*a elles*) Com licença. (*sae*).

SCENA IV.

OS MESMOS MENOS CESAR.

ADELAIDE — Que quererá dizer aquelle mysterioso aviso?

JORGE — A gravidade solemne d'aquelle modo...

ADELAIDE — Fallou d'umas provas...

JORGE — Que sem duvida apresentaria para a defender. Não importa, eu também estarei a seu lado, e se algum quizer accusal-a, ai d'aquelle que mentir.

ADELAIDE — Tomarei os seus conselhos, Jorge; affrontarei tudo. Vou ao meu quarto fazer uma supplica á Virgem; a oração consola os afflictos. Um abraço, meu fiel amigo; (*abraçando-o*) quero apertal-o nos meus braços, como apertaria contra este peito magoado o coração de meu pae.

JORGE (*querendo desviar-se*) — Vamos... vamos...

eu tenho-lhe muita amizade, mas no meio de tudo respeito-a... um pobre criado não merece tanto favor.

ADELAIDE — Não me diga isso, Jorge; não sou eu a vagabunda recolhida aqui pelo amor de Deus? não sou a desgraçada?...

JORGE (*atalhando*) — Vá á oração; eu fico para cumprir a minha promessa. (*Adelaide aperta-lhe a mão entre as suas, encara-o com meiguice, e sae*).

SCENA V.

JORGE só, depois JOÃO DE CASTRO e MARGARIDA.

JORGE — Pobre creança! Que alma aquella! E' um anjo! (*pausa*) Logo nós, senhor barão. Venham esses pergaminhos inóteis, esses titulos sem valimento, esses orgulhos de fidalgo, essas vaidades de nobre, perguntar-me o que sou no tribunal da consciencia! Antes a pobreza honrada, do que a nobreza villá! E tenho direito de lhe fallar assim, eu, pobre criado, misera creatura, que sem ter illustres brazões de fidalgo, tomei o seu logar... honra que me dispensou talvez por caridade!... Oh! desdoiro dos grandes a quem não envergonha a generosidade dos pequenos! Hoje temos a decidir tudo; é preciso que cada um tome o logar que lhe pertence.

JOÃO DE CASTRO (*que entra com sua mulher sem reparar em Jorge, que mal os vê, se occupa em sacudir o pó da mobília*) — Tenho dito, não a quero ver mais; Julio... Julio explicar-se-ha comigo.

MARGARIDA — Por Deus, socega; queres tu privar-me da minha querida companheira da mocidade?...

JOÃO DE CASTRO — Está-lhe mal proferir essas palavras; dar esses titulos, essa consideração, a uma mulher...

MARGARIDA — Adelaide é innocente; todas essas suspeitas são mal fundadas.

JOÃO DE CASTRO (*severo*) — E' mal fundada a minha desconfiança?! Parece-lhe que uma rapariga fugir d'uma reunião em que todos estavam entretidos, para vir metter-se aqui, na companhia de um homem...?

MARGARIDA — Podes acreditar o que quizeses; é livre a tua vontade, como é livre a minha opinião. Conheço bem Adelaide e sei... sei que era incapaz de abusar.

JORGE (*á parte*) — E' d'ella que fallam. (*avançando um passo para elles cautelosamente*).

JOÃO DE CASTRO — Não a quero mais ver, que saia d'esta casa.

MARGARIDA — Não exigirás tanto: similhante desgosto seria matar-me. Piedade, João, piedade para ella.

JOÃO DE CASTRO — Sempre estas supplicas importunas!... Se ahí estivesse algum, julgar-me-hia um tyranno de melodrama... e eu não faço mais que o meu dever! Quando acabarem estas lamurias? Ainda se fosse outra qualidade de mulher...

JORGE — Outra qualidade de mulher?!...

JOÃO DE CASTRO (*voltando-se*) — Que estás aqui fazendo?

JORGE — Limpo o pó, meu senhor...

MARGARIDA — Attende ao menos que a minha pobre Adelaide fica ao desamparo, que é uma crueldade...

JOÃO DE CASTRO — Crueldade!... e posso eu consentir similhantes abusos em minha casa, hei-de coadjuvar estes actos vergonhosos? Era a ella que competia ser humilde, conhecer bem a posição em que vive, e saber honrar a hospitalidade generosa que lhe davamos.

MARGARIDA — Hasde conceder que ella fique; a tua imaginação engana-te a seu respeito. Por tudo que te é caro, não me separe d'ella.

JOÃO DE CASTRO — Pois bem, não será expulsa; ficará vivendo na casa ao meio da quinta, mas que não ponha aqui mais os pés. Não a quero tornar a ver.

MARGARIDA — A humidade d'essa casa terrea hade prejudicar-lhe a saude, e de certo não accetará. Era demasiada humilhação, e eu não lhe mereço tão pesado sacrificio.

JORGE (*á parte*) — Não, porque ainda me restam dois braços.

JOÃO DE CASTRO — Se não quizer sujeitar-se, então procure outro ruído.

MARGARIDA — Queres matar-me! Sabes que privando-me da companhia d'aquella a quem minha boa tia tratava como filha, me dás o maior dissabor. (*chorando*) Tem clemencia, sou eu que t'a peço, porque sentiria mais do que a infeliz esse desprezo deslumano. Se te não bastam as minhas lagrimas, aqui me tens de joelhos. (*curva-se diante d'elle*)

JORGE — Nobre e generoso coração!

JOÃO DE CASTRO (*erguendo-a com a mão; a Jorge*) — Que fazes ainda aqui?

JORGE (*muito occupado*) — Sacudo o pó que se tem introduzido estes dias de tal maneira...

JOÃO DE CASTRO (*a sua mulher*) — Visto que lhe causa tanto pezar a minha resolução, serei menos severo. Essa rapariga que fique, mas que não me appareça mais, que não saia do seu quarto, aliás as minhas reprehensões não irão adoçar muito as suas faltas. Em quanto a Julio eu me entendi com elle. (*sae*)

SCENA VI.

MARGARIDA e JORGE.

MARGARIDA — Pobre Adelaide! Sofre os martyrios que eu devia passar! Com uma palavra acabavas com esses mysterios, cujos resultados bem dolorosos teem sido para ti em allivio dos outros! Mas o segredo que me perdia, salvando-te, é sagrado no teu coração!

JORGE — Que nova infelicidade pesa agora sobre aquella menina? Criminaremos-na porque desappareceu d'um lugar onde a tinham insultado! Foi eu que a acompanhei: o senhor Julio por fatalidade tinha tambem deixado aquella casa, e poucos momentos depois de entrarmos aqui, é que elle chegou, e fallaram sempre na minha presença.

MARGARIDA — Ella está innocente, bem sei.

JORGE — Quando fosse capaz de faltar ao seu dever, o velho Jorge, sempre leal, deixaria de ser fiel aos seus bons amos.

MARGARIDA — Todos a accusam, raros são aquelles como tu, que lhe fazem justiça.

JORGE — Essa justiça hade ser hoje completa.

MARGARIDA — Meu marido nunca acreditará na bondade da minha querida amiga.

JORGE — Não só hade acreditar, mas hade estimar-a.

MARGARIDA — E' impossivel, ninguem haverá que o resolva.

JORGE — Eu! Eu, que apesar de simples criado tenho o poder de o conseguir. Hoje, minha senhora, juro que heide fazer dar aquella menina o valor que merece.

MARGARIDA — Como se explica isso, Jorge?!

JORGE (*curvando-se respectosamente*) — E' um mysterio... não tardará que o faça desaparecer. (*sae*)

SCENA VII.

MARGARIDA, depois ADELAIDE.

MARGARIDA — Como este bom criado sempre franco e leal, comprehendeu bem o coração magnanimo de Adelaide! Oh! minha amiga, como o teu sacrificio por mim tem sido grande!

ADELAIDE (*que entra*) — Já aqui, minha querida! Estimo tel-a encontrado: ao menos, em quanto lhe fallo e a vejo, não sinto os meus desgostos.

MARGARIDA — Desgostos que eu te dou, porque só eu tenho a culpa dos teus soffrimentos.

ADELAIDE — Embalou-me a desventura; uma ou outra pessoa não pode induir no meu destino.

MARGARIDA — Não, eu tenho sido a causa das tuas afflicções.

ADELAIDE — Que importa uma ou mais angustias, quando a alma não pode já com o peso d'ellas?! Não creio até que no mundo, onde tudo pode viver, haja um lugar para o meu coração! Estou afeta aos soffrimentos... Oh! minha amiga, fique ao menos Julio isempto d'elles.

MARGARIDA — Julio não terá de padecer; mas tu, Adelaide, tens muito a chorar.

ADELAIDE — Já não ha lagrimas quando se tem chorado tanto.

MARGARIDA — Meu marido ordenou-me que não queria ver-te sair do quarto. Vê quanto me custa ser portadora de uma ordem... que antes por ti eu devia receber!

ADELAIDE — Aceito essa condição... porque me prende aqui á minha amiga! Ainda assim... já lhe quiz fugir! A cruz pesava-me tanto... e agora, é quasi de rastos que a conduzo!

MARGARIDA — Abandonar-me! não sabes que morreria de desgosto e de remorso?

ADELAIDE — No meio da muita resignação, poucas vezes deixa de haver um momento de desespero... se não vinga, é porque o pensamento se volve para Deus!

Continua.

Aquillo é que são olhos!

São uns olhos... ou antes fachos,
Que accendem viva paixão!
São d'amor doces fogachos,
Que abrasam meu coração!...
São uns olhos penetrantes,
Que lançam fogos brilhantes,
Como ardendo chamejantes
Seis barricas d'alcatrão!

São uns olhos, que teem settas.
Que no peito ferir vem!...
Não houve, nem ha poetas
Capazes de os cantar bem...
São uns olhos, que me rendem,
Que fallam, mas não se entendem,
E que dentro d'alma accendem
Um amor por hi além!

São olhos, que teem segredo
De dar vida n'um olhar,
E fazer morrer de medo
Da raiva no scintillar!...
São uns olhos d'alto preço,
Que formou o deus travesso
P'ra fazer virar do avesso
Quem não nasceu para amar!

São olhos onde se abriga
O tição d'amor a arder!...
Teem muito que se lhes diga,
Nem eu mesmo o sei dizer!...
São, finalmente, primores!
Por elles morro d'amores...
Mas se canto os seus louvores
Digo asneira de tremor.

Tocar desafinado.

Um aprendiz de rebeca,
Ou seja velho ou creança,
Que, levardinho da breca,
Atormenta a visinhança
Com horrivel musicata,
Ai! mata.

Um reles, porem teimoso,
Tocador de clarinete,
Que, por ser estudioso,
Não larga nem a cacete
O seu instrumento mau,
Quer pau.

O que, mesmo em sua casa,
Dá solos de rabeção,
E que faz andar em braza
Os que seus visinhos são,
Sem poderem pregar olho,
Quer mólho.

Um afamado sineiro,
Que, por grande desatino,
Passa o dia quasi inteiro
Sem largar o pobre sino,
Que faz dores de cabeça...
Que peça!...

O que toca um cavaquinho,
Sem fazer grande motim,
E se entretem, coitadinho,
Com innocente chiffrim;
Como causa pouco abalo,
Deixal-o.

Um tocador de sanfona,
Que toca a todo o momento
Como um homem, que resona
Com a barriga p'ra o vento;
E' pagar-lhe a prenda sua,
E rua.

Gallego mettido em brios,
Tocando gaita de folles,
Mostrando em seus desvarios,
Que deve ir p'ra Rilhafolles,
Porque os ouvidos molesta,
E' besta.

Barbeiro, que se regala
Quando toca uma guitarra,
Que sobre musica falla,
E que julga ser um barra
Quando aperta a caravelha,
Tem telha.

Sugeito, que, com despejo
Em uma rua parado,
Vae tocando realejo,
Que ronca desafinado,
Atordoando quem passa,
Tem graça.

O que diz: «eu sou poeta»
Porque arranha n'uma lyra,
Mas não passa d'um pateta,
Que diz famosa mentira...
Esse, então, é desgraçado,
Coitado!

J. I. D'ABAUJO.

Quando soffres.

Nos dias d'inverno com prantos de gelo,
Bem posso dizel-o, mais tristes não são
Que os dias que passo chorando contigo,
As horas, contigo, passadas em vão!

Se perdes a côr, e os olhos fechando,
Ao peso vergando de terrivel dôr,
Eu julgo que posso co' um beijo animar-te,
E a sede matar-te com prantos d'amor!

Nos tristes momentos que soffres, ó querida,
Só vejo na vida fatal solidão!
E sinto a desgraça co' os pés esmagar-me,
E a sorte negar-me... te consolação!

Talvez nos meus braços não mais tu soffresses,
Se ao mundo podesses sem medo dizer:
«Não sei que mysterio se encerra n'um beijo,
«Que tanto desejo com elle aprender!»

Se o meu sentimento não pode mover-te,
Que posso offrecer-te, se o mundo é venal??
Teu consentimento comprar-lhe quizera...
Se o mundo o vendera sem ser a metal!

29 de Janeiro.

A. HOGAN.